



**A INDISCIPLINA NO CONTEXTO DA ESCOLA PÚBLICA:
o óbice do processo educativo**

Moacir Juliani¹
Janete Rosa da Fonseca²
David Arenas Carmona³

Resumo:

Esta pesquisa presta-se ao relato das condições em que os professores, colaboradores e equipe gestora de uma Escola pública de um município do Estado de Mato Grosso do Sul, veem, lidam e tecem suas considerações acerca da indisciplina escolar. O assunto não é novo, porém, ainda não foram relatadas, até o presente momento, alternativas eficazes para auxiliar os profissionais da Educação a lidar com esse conflito. Objetivou-se neste estudo compreender as questões relativas à disciplina/indisciplina; identificar as concepções dos professores, colaboradores e equipe gestora acerca da indisciplina, suas causas, contextos em que ocorrem, sobre a construção de mecanismos de prevenção e resolução da mesma. Partindo desses pressupostos, o presente artigo não revela nenhuma significativa novidade para a comunidade científica, mas recupera, através da apresentação dos dados e especificidades da escola estudada, a sempre necessária reflexão sobre a indisciplina. Os resultados indicaram que dentre todas as alternativas apresentadas pelos sujeitos da pesquisa que, além das variadas propostas de aulas mais dinâmicas, urge resgatar a autoridade do professor em sala de aula.

Palavras-chave:

Indisciplina. Escola Pública. Conflito.

**LA INDISCIPLINA EN EL CONTEXTO DE LA ESCUELA PÚBLICA:
la traba del proceso educacional**

Resumen:

Esta investigación se presta al relato de las condiciones en que los profesores, colaboradores y equipo gestor de una Escuela pública de un municipio del Estado de Mato Grosso do Sul, ven, tratan y tejen sus consideraciones acerca de la indisciplina escolar. El tema no es nuevo, sin embargo, todavía no han sido relatadas, hasta el momento, alternativas eficaces para ayudar a los profesionales de la Educación a lidiar con ese conflicto. Se objetivó en este estudio comprender las cuestiones relativas a la disciplina / indisciplina; identificar las concepciones de los profesores, colaboradores y equipo gestor acerca de la indisciplina, sus causas, contextos en que ocurren, sobre la construcción de mecanismos de prevención y resolución de la misma. A partir de estos presupuestos, el presente artículo no revela ninguna significativa novedad para la comunidad científica, pero recupera, a través de la presentación de los datos y especificidades de la escuela estudiada, la siempre necesaria reflexión sobre la indisciplina. Los resultados indicaron que entre todas las alternativas presentadas por los sujetos de la

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE da Universidade Federal de Mato Grosso – MT, Bolsista da CAPES. E mail: julianimoacir@gmail.com.

² Doutorado em Educação. Pós Doutorado em Neurociência e Aprendizagem. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. UFMS E-mail: projetistadm@gmail.com

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia PPGE da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. UFMS. E-mail: dav.are.car@gmail.com.



investigación que, además de las variadas propuestas de clases más dinâmicas, urge rescatar la autoridad del profesor en el aula.

Palabras clave:

Indisciplina. Escuela pública. conflicto

Introdução

Atualmente quando o assunto é educação e aprendizagem nos contextos formais, principalmente os da escola pública, as vozes que ecoam nos meios de comunicação e redes sociais, nas conversas informais e nas acaloradas discussões das salas dos professores retratam cada vez mais detalhes das dificuldades relacionadas às questões da indisciplina no processo educativo, principalmente no âmbito de sala de aula e nas relações aluno-professor, aluno-colaboradores e aluno-equipe gestora.

Passados nem 50 anos do lançamento de uma das principais obras acerca do disciplinamento “Vigiar e Punir” de Michel Foucault em 1975, na qual o autor se debruçou sobre o assunto e teceu críticas à sociedade e principalmente à escola em relação à formatação de corpos dóceis e à sua importância na sociedade capitalista de produção, vivenciamos a realidade em que as relações construídas no contexto escolar da escola pública situam-se no outro extremo: o da falta de disciplina necessária para o desenvolvimento e construção da aprendizagem, para relações de diálogo essencial ao processo educativo.

Segundo o TALIS⁴ (2013, p. 17) em estudo comparativo entre 2008 e 2013 destaca que os professores das escolas brasileiras ocupam 20% dos tempos disponíveis para o desenvolvimento da educação formal com o enfrentamento e resolução de questões relativas à disciplina e indisciplina. “Há muito barulho nesta sala de aula; no início da aula, tenho que esperar muito tempo para que os alunos se acalmem; eu perco muito tempo para porque os alunos interrompem a aula” Estas são algumas das queixas frequentes dos professores ouvidos pelo estudo. O relatório destaca que “Como consequência, entre os países pesquisados, o Brasil é o local onde os professores dedicam o menor tempo médio em sala de aula com ensino e aprendizagem de fato” (TALIS, 2013, p. 18).

⁴ Talis é a sigla para Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (Teaching and Learning International Survey em inglês), coordenada pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico). No Brasil, a coordenação da pesquisa fica por conta do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira).



A partir destes dados, as questões que nortearam este estudo foram: Como se manifesta a indisciplina no contexto educativo de escola pública municipal de Educação Básica do Município de Campo Grande – MS? Qual a percepção dos professores, colaboradores e equipe gestora a respeito de como ela ocorre, suas causas e mecanismos de prevenção e resolução da indisciplina na especificidade desta escola?

Objetivou-se neste estudo compreender as questões relativas à disciplina/indisciplina; identificar as concepções dos professores, colaboradores e equipe gestora acerca da indisciplina, suas causas, contextos em que ocorrem, sobre a construção de mecanismos de prevenção e resolução da mesma.

Partindo desses pressupostos, o presente artigo não revela nenhuma significativa novidade para a comunidade científica, mas recupera, através da apresentação dos dados e especificidades da escola estudada, a sempre necessária reflexão sobre a indisciplina, acerca da natureza das relações e dos contextos nas quais ela se apresenta com maior incidência e enfatizou a preocupação do diálogo como possibilidade de resolução de conflitos na aprendizagem, sendo estes uma especificidade eminentemente humana.

1 Indisciplina escolar: definindo conceitos

A indisciplina tem muito a dizer acerca do ambiente em que ela se manifesta. Ela se constitui em um discurso revelador da natureza das relações que se desenvolvem neste ambiente. Situando o debate no contexto escolar, espaço-tempo de construção das aprendizagens formais, a indisciplina necessita ser compreendida, bem como conhecer a noção que os professores têm dela a fim de que se possa mediante o conhecimento da realidade e das situações nas quais se apresenta construir mecanismos coletivos de prevenção a ela.

Para discutirmos a indisciplina, sentimos a necessidade de abordar o referencial sobre o qual se assenta o entendimento que temos sobre disciplina e de que a mesma faz parte do aparato de normas e condutas criadas no sentido de possibilitar a convivência social e rechaçar condutas que são vistas como inadequadas nestas relações que se desenvolvem no emaranhado social que está inserido na trama da cultura.



A linguagem inscreve o corpo na construção social coletiva denominada de cultura. Através dela se criam formas de controle que condicionam os comportamentos sociais que são aceitos e os que devem ser banidos ou “os maus procedimentos que devem ser evitados. (ELIAS, 1994) A este processo dá-se o nome de processo civilizador ou humanizador do homem. Conforme Elias (1994, p. 142) argumenta a este respeito:

O controle mais rigoroso de impulsos e emoções é inicialmente imposto por elementos de alta categoria social aos seus inferiores ou, no máximo, aos seus socialmente iguais. Só relativamente mais tarde, quando a classe burguesa, compreendendo um maior número de pares sociais, torna-se a classe superior, governante, e que a família vem a ser a única - ou, para ser mais exata, a principal e dominante - instituição com a função de instilar controle de impulsos. Só então a dependência social da criança face aos pais torna-se particularmente importante como alavanca para a regulação e moldagem socialmente; requeridas dos impulsos e das emoções.

Em relação à disciplina, segundo Foucault ela pode ser entendida como;

A disciplina é uma técnica de exercício de poder que foi, não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII. Historicamente as disciplinas existiam a muito tempo, na idade Média e mesmo na Antiguidade [...] Os mecanismos disciplinares são, portanto, antigos, mas existiam em estado isolado, fragmentado, até os séculos XVII e XVIII, quando o poder disciplinar foi aperfeiçoado como uma nova técnica de gestão dos homens [...] [um modo de] controlar suas multiplicidades, utilizá-las no máximo e majorar o efeito útil de seu trabalho e sua atividade, graças a um sistema de poder suscetível de controlá-los (FOUCAULT, 2002, p. 105 – grifo do autor).

Ao situarmos a disciplina no contexto da cultura escolar, vários autores contribuíram na construção de entendimento do que se concebe por disciplina. Assim alguns autores contribuem de forma significativa neste entendimento. Aquino (1996) concebe como ordem imposta ou consentida que convém ao funcionamento de determinado organismo; Ribonlet (1961) situa no contexto educacional e enfatiza como essencial para garantir os resultados da educação; Antunez, (2002) entende como um conjunto de mecanismos e estratégias da sala de aula relacionadas ao clima educacional; para Foucault,(1997) mecanismo de controle do corpo em suas pulsões; Tiba (1996), regras éticas com fins a um objetivo; Grüspan (1985), técnica para se atingir a autoridade e a liberdade; Rebelo (2002), é o controle do indivíduo no tempo, relacionado a rapidez e eficiência para obter o máximo de produção.



A indisciplina aparece como forma de oposição à disciplina. Aquino (1996) conceitua a indisciplina como negação do conceito de disciplina; Estrela (1992) destaca como o ato de quebrar as regras estabelecidas; Garcia (1999) enfatiza a ambiguidade e complexidade do termo e do entendimento dos professores acerca do mesmo, caracterizando uma situação difícil de resolver; Ferreira (1996) entende como desordem, rebelião de alguém ou grupo contra a disciplina.

A concepção de Ferreira (1996) corrobora com a ideia da indisciplina relacionada aos comportamentos inadequados, à falta de respeito às normas, à bagunça, desordem e agitação. Estes aspectos frequentemente aparecem associados à agressividade e à violência.

Assim, sentimos a necessidade de analisarmos noções de violência como forma de estabelecer uma diferenciação do que ela seja e do que seja a indisciplina. Menin e Zandonato (2000) relacionam a violência aos conflitos relacionais entre professores e estudantes; Arendt (2000) violência e as relações de poder, sendo a violência uma forma de oposição ao poder e possibilidade de destruí-lo; Candau, Lucinda e Nascimento (1999) relacionam a violência à organização social e suas contradições, desigualdades e diferenças.

A violência situada na ambiência escolar foi tema de análise de Guimarães (1985) que focou a violência institucional a qual situou em três perspectivas na escola: a dos poderes instituídos ou utilitária que visa uniformização e padronização; a “anômica” (MAFFESOLI, 1981) caracterizada por reações brutais e tentativa de tomada do controle em reação ao poder institucionalizado e a violência banal, através da resistência passiva da “insolência muda” (MARCHESI, 2005) e de ironias ou deboches.

Conforme Tiba (1992) e Aquino (1996) a indisciplina que se manifesta no contexto escolar aparece antes nos outros contextos nos quais a criança pertence e interage, como a família e as relações parentais, a comunidade de pertencimento desta família, a Igreja, as associações. Como a indisciplina é percebida nestes contextos? Qual a reação da família e dos outros indivíduos que nele se encontram? Permissividade? Causa mal-estar?

Tiba (1992) destaca a precocidade do convívio social da criança na atualidade. Com isso, nos remetemos a pensar a criança e a infância, a considerar a dinamicidade das relações entre o adulto e a criança e a sua inserção no imaginário social atual.

A infância nem sempre teve os contornos e concepções que damos a ela na atualidade. Esta etapa de vida, bem como estágio de desenvolvimento do ser humano nem sempre esteve no foco das preocupações. O sentimento de infância, de preocupação com a educação moral e



pedagógica, o comportamento no meio social, são ideias que surgiram já na modernidade o que nos leva a considerar todo o processo histórico ocorrido até a sociedade considerar a infância e a criança entrar em cena. Foi o sentimento da infância que permitiu a concepção da adolescência como fase de desenvolvimento e etapa de vida díspar da infância e da idade adulta.

Conforme Ariès (1978) podemos considerar a infância como plural pois a particularidade da infância não será reconhecida e nem praticada por todas as crianças, pois nem todas vivem a infância propriamente dita, devido às suas condições econômicas, sociais e culturais. Mediante estas concepções pode-se considerar que não exista uma única infância, mas infâncias, de forma plural nas suas diferentes particularidades e conexões com os contextos históricos, sociais e culturais. Os sinais de desenvolvimento do sentimento para com a infância tornaram-se mais numerosos e mais significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII, pois os costumes começaram a mudar, tais como os modos de se vestir, a preocupação com a educação, bem como separação das crianças de classes sociais diferentes.

As contribuições de Elias (1994), no que tange à civilização como transformação de comportamento na perspectiva da infância, remete à ideia de que a infância é também uma produção cultural, visto que é através dos processos culturais que se configuram as infâncias.

Com a evolução dos tempos e a construção dos sentimentos da infância, ou infâncias melhor dizendo, evoluíram os cuidados com a pessoa em diferentes fases distintas de sua vida. Construiu-se também a ideia da adolescência, como uma fase de vida distinta situada entre a infância e a idade adulta e a preocupação com a educação que atendesse as necessidades e especificidades de cada fase, considerando a maturação biológica e a maturidade inerente aos processos de crescimento e desenvolvimento dentro dos padrões da normalidade.

Assim, vários autores se ocuparam de estudar estas diferentes fases de vida e a construir um rol de tarefas evolutivas, Piaget (1973) e comportamentos esperados que se evidenciem em cada fase como sinal de maturação e maturidade, de saída do egocentrismo da infância para a capacidade de socialização, de adequação aos contextos e normas sociais no âmbito familiar, na igreja, escola, clubes, associações e demais instituições nas quais o sujeito interage.



As abordagens destes autores (ARIÈS, 1978; ELIAS, 1994; PIAGET, 1973) nos remetem a considerar que os comportamentos das crianças e adolescentes que se expressam na escola, aparecem de igual forma nos outros contextos sociais: em casa, nas relações com familiares, amigos da mesma idade, vizinhos, na igreja, nas ruas e instituições. A indisciplina que se manifesta na escola não é um fator isolado.

A responsabilidade da família em relação aos comportamentos indisciplinados da criança é enfatizada por Tiba (2002). Ele chama atenção do quanto o ambiente social invade os espaços relacionais familiares e a forma como podem influenciar em um afrouxamento dos limites devido à dificuldade de entendimento das crianças acerca destas diferentes esferas de relação social. Também enfatiza a responsabilidade dos pais e ou responsáveis no estabelecimento de limites e vínculos necessários para a construção da base sobre a qual se desenvolverá a educação da criança e as contribuições da escola que auxiliará de forma complementar no desenvolvimento dos destes, bem como dos valores éticos que a família apresentou à criança.

Nos meios educacionais a indisciplina costuma, segundo Aquino (1996) ser descrita como comportamentos inadequados da criança – falta de respeito, rebeldia, desacato e incapacidade de se ajustar às normas e convivência que compõe o código de ética da escola. Evidencia comportamentos que destoam e subvertem a ordem. Ainda segundo ela, em algumas escolas a noção de disciplina está associada à submissão e passividade da criança.

Em sua analogia, a indisciplina extrapola os contextos familiares, escolares e apresenta-se como um fenômeno social (AQUINO, 1996). Não são somente as regras e normativas existentes na escola que atualmente sofrem com a resistência e razões dos indivíduos. Também as das instituições sociais e ambientes nos quais são prestados serviços ao público são palcos de evidência destas inadequações dos indivíduos das mais variadas faixas etárias.

Aquino (1996) reflete que a indisciplina possa estar associada ao processo histórico da educação e da formação do povo e seu acesso aos contextos da aprendizagem formal – escola. No momento em que parcelas da população que historicamente não frequentavam a escola em épocas anteriores, ao fazê-lo, trazem consigo demandas diferentes do que a escola estava preparada para atender. Ressalta que devido às estruturas educacionais arcaicas da escola com fortes características tradicionais não deu conta de atender com eficiência as necessidades destes sujeitos devido ao seu despreparo.



Assim, deslocou-se a gênese da indisciplina para a figura do aluno quando em sua análise resulta da escola ter sido planejada para atender um perfil de indivíduos e por força da lei e das demandas sociais atende indivíduos diferentes. Considera ainda Aquino (1996) que as reações dos indivíduos que podem ser consideradas como indisciplina se transmutam em formas de resistência legítima de quem se percebe excluídos do processo educacional.

2 Resultados preliminares

A metodologia de pesquisa se constitui no traçado teórico e intencional do caminho que o pesquisador irá desenvolver em sua busca de respostas ao problema de pesquisa, que criteriosamente desmembrado em partes sem perder a ideia do todo necessita de um detalhamento minucioso de ações específicas de forma a abarcar o campo da pesquisa. Planificar estas ações é de fundamental importância para que o pesquisador possa fazer seu trajeto com o maior esmero possível, para que esteja o preparado para observar, detalhar, analisar, comparar, inquietar-se, construir sentidos e quando possível generalização, sendo a última a parte mais complexa e rigorosa.

Mattos (2011, p. 26) acerca do contexto da pesquisa:

[...] a realidade a ser estudada existe objetivamente antes da intenção particular do pesquisador para estudá-la. Entretanto, em Educação, esta realidade estudada é cultural, assim como a do pesquisador que a estuda. Na dialética entre essas duas culturas, a do sujeito pesquisador e a do sujeito pesquisado, é que a complexidade se instaura e é sobre ela que se movimenta o trabalho de pesquisar. Portanto, qualquer que seja a abordagem de pesquisa, é a partir da dialética entre pesquisador e sujeito-objeto que se inicia o processo, estabelece-se as relações com o contexto a ser pesquisado, desenvolve-se o trabalho de coleta de dados, processa-se as análises e se constrói o trabalho científico.

Cientes destas concepções, os pesquisadores realizaram em tempo anterior ao da coleta de dados acerca da disciplina-indisciplina da escola estudada, a construção de vínculos com os indivíduos participantes da pesquisa. Na condição de pesquisadores sobre a cultura lúdica que se manifesta no recreio escolar, realizou-se uma pesquisa de campo sobre o mesmo e neste período de tempo deu-se a conhecer aos estudantes, professores, colaboradores e equipe gestora.

A partir do diálogo que se estabeleceu entre os pesquisadores, os colegas professores e equipe gestora, um dos temas recorrentes e que nutria muitas queixas se relaciona à



disciplina/indisciplina no contexto da escola. Este assunto era um dos temas elencados para estudo e reflexão do “Projeto Roda de Conversa”, projeto de estudos e formação continuada existente na escola, com encontros regulares de reflexão com os professores, colaboradores e gestores no ano de 2017. Com a premissa enfatizada por Nóvoa sobre formação dos professores (2007) e o entendimento de que a construção de mecanismos de prevenção e resolução de conflitos e atitudes de indisciplina só pode ocorrer com a ciência do que pensam e entendem os indivíduos que vivenciam estas situações, foi planejada a Roda de Conversa e seus momentos.

No primeiro momento foram aplicadas algumas questões sobre o tema com o objetivo de constituir uma sondagem diagnóstica inicial sobre a qual a mediação da discussão estaria assentada; no segundo momento buscou-se no referencial teórico e contribuição dos autores Afonso (1999), Amado (2000, 2001), Antunes (2002) Aquino (1996), Carita & Fernandes (1997) Marchesi (2005), Parrat-Dayán (2008) sobre o assunto, estabelecer luz nas questões e especificidades que se apresentaram e no terceiro momento a construção coletiva de sugestões de mecanismos de prevenção e resolução da indisciplina no contexto escolar.

Durante todo o processo de reflexão e discussão efetuou-se o registro escrito das manifestações e percepções dos 04 grupos, compostos por professores, colaboradores e equipe gestora, totalizando 35 indivíduos da pesquisa de campo que ora apresenta seus dados, discussões e considerações.

O primeiro momento da discussão foi marcado pelo desafio colocado pelo mediador da roda de conversas através das seguintes questões norteadoras: Como a indisciplina se manifesta em nossa escola? Em que momento ela aparece? Como ela se caracteriza? Quais as formas de enfrentamento? Quais os mecanismos de prevenção à indisciplina que foram construídos coletivamente pela Escola? Quem os construiu?

Estas questões objetivavam a percepção e levantamento do diagnóstico da escola em relação à disciplina/indisciplina, as concepções dos professores, gestores e funcionários e a tomada de ciência acerca dos mecanismos atuais de prevenção da indisciplina na escola e na percepção do contexto e forma como foram construídos.

Quadro 01: Percepções acerca das formas manifestas da indisciplina

Grupo	Como a indisciplina se manifesta em nossa escola?
01	A partir das atitudes dos estudantes ao chegar na escola e não se organizar na fila para o início das atividades, na falta de respeito com os colegas e funcionários.
02	O aluno chega na escola sem interesse de aprender, agressão, o desrespeito



	a todos
03	Através da agressividade e bullying
04	Através do descumprimento às regras, falta de respeito e limites.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

Quadro 02: Momentos em que ocorre a indisciplina

Grupo	1. Em que momento ela aparece?
01	Na hora da fila, na sala de aula, na hora do intervalo, hora de pegar o lanche;
02	Na acolhida, em sala de aula e no recreio;
03	Durante a aula, (alguns momentos) e intervalo;
04	No convívio social dentro da escola

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

Quadro 03: Caracterização da indisciplina

Grupo	Como ela se caracteriza?
01	Agressões, xingamentos, não aceitação de ordens;
02	Agressão verbal, física, manifestação de preconceitos;
03	Agressão física, xingamentos, descumprimento das regras;
04	Através da agressão verbal e física no ambiente escolar

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

Quadro 04: Caracterização da indisciplina

Grupo	Quais as formas de enfrentamento?
01	Verbal, física e psicológica;
02	Através de conversa, orientações, projetos e políticas públicas
03	Registrar as ocorrências, conversar sobre os comportamentos inadequados, promover a socialização (recreio monitorado);
04	Elaborar projetos e promover diálogo com os estudantes;

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

Quadro 05: Mecanismos de prevenção da indisciplina

Grupo	Quais os mecanismos de prevenção à indisciplina que foram construídos coletivamente pela Escola? Quem os construiu?
01	Projetos de intervenção bimestral, retirada do intervalo para a conscientização, através da coletividade (escola, funcionários e alunos);
02	(não responderam); Inicialmente escreveram a palavra nenhum que foi posteriormente riscada;
03	Estudar o regimento interno e estatuto em assembleias com os pais, recreio monitorado;
04	Apresentações e dinâmicas diversas no horário do recreio através do programa “Mais Educação”, recreio monitorado.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

No terceiro momento das discussões da “Roda de Conversas” professores, gestores e funcionários foram reunidos em 02 grupos e o enfoque foi o clima da escola, o ambiente de sala de aula e as relações que se estabelecem com os estudantes que evidenciam atitudes de



indisciplina. A partir das discussões realizadas, as propostas dos grupos para o enfrentamento da indisciplina na escola nos níveis citados, conforme os quadros 06, 07 e 08 abaixo.

Quadro 06: Sugestões para melhorias

Grupo	O clima da Escola
01 e 02	Diálogo, melhorar as relações interpessoais, respeitar as diferenças, remuneração, ambiente mais acolhedor.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

Quadro 07: Sugestões para melhorias

Grupo	O ambiente de sala de aula;
01	Aulas mais dinâmicas, diálogo professor-aluno, autonomia do professor dentro da sala de aula;
02	Dinamizar as aulas, diálogo professor-aluno; clareza quanto ao regimento interno, autonomia e autoridade do professor em sala de aula.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

Quadro 08: Sugestões para melhorias

Grupo	As relações com os alunos problemáticos.
01 e 02	Diálogo, orientações.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

A sugestão apresentada no quadro 07 pelo grupo dois parece ter relação imediata com o estilo de ação do professor, mostrando-se como resposta a falta de autoridade ou ao desconhecimento de documentos regimentais. Cabe aqui ressaltar que a indisciplina não é um fenômeno exclusivo da Escola Pública e que a grande maioria dos profissionais da Educação se sente impotente frente a este fenômeno e vem já há muito tempo tentando encontrar alternativas para minimizar seus efeitos danosos no processo ensino aprendizagem. A vida em sociedade pressupõe o cumprimento de regras, e a sociedade atual está cambiante de valores.

Podemos aqui nos reportar a importante contribuição deixada por Piaget (1977), quando este afirma que, a sociedade é o conjunto das relações sociais.

A criança aprende a respeitar as regras ou normas morais vivendo em sociedade. Considerando a hipótese de que existem tantos tipos de moral como de relações sociais, que se distingue em duas formas: a moral heterônoma, baseada da obediência; e a moral autônoma baseada na igualdade, admitindo que as relações com os companheiros, constituem condição necessária para a autonomia (p. 342).

Ser professor exige um processo constante de negociação, nos casos de indisciplina, negociação com as famílias, com os alunos, e com sua prática pedagógica, buscando



constantemente novas metodologias, reinventando a didática diariamente como propõe Aquino (1996), por uma nova ordem pedagógica.

Considerações finais

Para os profissionais entrevistados o conceito de indisciplina se refere principalmente a comportamentos do aluno como: perturbar a aula, estar agitado e desinteressado. O segundo aspecto abordado se refere à caracterização de indisciplina como desrespeito às normas da escola. Definem também o comportamento de indisciplina do aluno como sendo reflexo da sociedade e da família. Bem como, as questões que se referem a aulas que não chamam a atenção dos alunos, seja pelo conteúdo, seja pela metodologia utilizada.

O que chama a atenção nos dados coletados é que grande parte dos profissionais pesquisados relacionam as manifestações de indisciplina, com maior ênfase, a postura do aluno. Este continua sendo o “sujeito da indisciplina”. Assim, enquanto a escola e seus profissionais buscam a mudança de comportamento do aluno, para eliminar a indisciplina, deixam de considerar fatores constituintes do problema e que estão relacionados ao sistema de ensino e à organização escolar. É necessário continuar investindo na melhoria da qualidade do ensino em nossas escolas, para isso é fundamental o maior interesse das políticas públicas na educação, incentivando a formação e aperfeiçoamento do quadro docente, além de contar com a participação efetiva da família e da comunidade.

Existem, porém, alguns elementos que não são contemplados, como por exemplo, a desvalorização social da profissão e da atividade docente, principalmente por parte de uma mídia que de praxe é diretamente interessada em menosprezar a atividade, principalmente no concernente ao aparato público, pois a tendência é a de debilitar e fragilizar o ensino, criando um cenário propício para a subvalorização das mazelas que historicamente percorreram a educação.

O mapeamento dos dados que compuseram esse artigo pretende servir de base para a organização de atividades de orientação e intervenção na realidade da escola pesquisada. A coerência nos encaminhamentos do fenômeno indisciplina escolar requer, de antemão, o conhecimento e a análise da rede de elementos que constituem esse problema. Compreender os sentidos e significados que são atribuídos pelos personagens que constituem a escola, ou



seja, gestores, colaboradores, professores, alunos, entre outros, é indispensável. A partir do olhar que eles dirigem sobre essa questão conseguiremos tomar consciência de onde se deve iniciar o processo de intervenção.

Referências

AFONSO, A., Amado, J.,; JESUS, S. **Sentido da escolaridade, indisciplina e stress nos professores.** Porto: Asa, 1999.

AMADO, J. **Interacção pedagógica e indisciplina na aula.** Porto: Asa, 2001.

_____. **A construção da disciplina na escola: suportes teórico-práticos.** Porto: Asa. 2000.

ANTUNES, C. **Professor bonzinho= aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula.** Petrópolis: Vozes, 2002.

AQUINO, Júlio. (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo. Summus, 1996.

ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família.** São Paulo: LTC, 1978.

BRASIL. Ministério da Educação Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **TALIS – Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem. Relatório Nacional, 2014.**

CANDAU, Vera Maria; LUCINDA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças. **Escola e violência.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CARITA, A.; FERNANDES, G. **Indisciplina na sala de aula: Como prevenir? Como remediar?** Lisboa: Editorial Presença, 1997.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula.** 3. ed. Porto: LDA, 1992.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio eletrônico versão 6.0.** Curitiba: Positivo, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Microfísica do poder.** 17.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista paranaense de desenvolvimento.** Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan. /abr. 1999.

GRUNSPUN, Haim. **Distúrbios psiquiátricos da criança.** São Paulo: Livraria Atheneu, 1985.



MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária**: ensaio de antropologia política. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MARCHESI, Álvaro. **O que será de nós os maus alunos**. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães (org.). **Etnografia e educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MENIN, Maria Suzana de Stefano. ZANDONATO, Zilda L. Violência na escola: indicações para programas de prevenção. **Nuances**. Presidente Prudente, V.06, p.107-115, 2000.

NORBERT, Elias. **O processo civilizador**. uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

NÓVOA, António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. Palestra de António Nóvoa, SIMPRO – SP, 2007.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.